

Entrevista com Jeferson Tenório: “Criar uma história se aproxima da imprevisibilidade da vida. A vida acontece, não avisa”

*Interview with Jeferson Tenorio:
“Creating a story approaches the
unpredictability of life. Life happens,
it does not warn”*

Aline Costa dos Santos*

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Ariane Borba Clos**

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

*Mestra em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: alinecosta.letas@gmail.com.

**Mestra em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: arianebclos@gmail.com

O escritor Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre. Doutorando em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, atua como professor de língua portuguesa e literatura na capital gaúcha. Seu livro de estreia, *O beijo na parede*, romance publicado em 2013, foi eleito o Livro do Ano pela AGES. É autor dos romances *Estela sem Deus* (2018) e o mais recente *O avesso da pele* (2020). Em 2020, o autor foi eleito patrono da 66ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

Houve várias fases. No início da quarentena não havia ânimo para muitas coisas. Depois veio a fase de olhar para própria casa como uma espécie de país. Sala, quarto, banheiro e cozinha passaram a ser minha nação onde teria de conviver de um outro modo. Em seguida, veio a fase de tentar produzir em meio à pandemia. Creio que para mim pouca coisa mudou desde então.

A partir disso, de que modo a cultura tem contribuído em sua rotina e de quem está ao seu redor? E, também, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado pela pandemia?

(Não consigo responder)

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

Não afetou.

Paul Valéry falava que “Deve-se entrar em si armado até os dentes”. Nos seus mergulhos para dentro de si, o que você encontra e traz à superfície, para o texto?

A gente só faz literatura enfrentando os nossos fantasmas. Aliás, lidar com eles é o grande material para fazer ficção. Trazer essas questões íntimas e singulares à superfície demanda certa lentidão. A minha ficção se dá pela demora porque é ali que consigo elaborar meus abismos e trazê-los para a ficção.

Muitos escritores iniciam a narrativa tendo um “esqueleto” geral do texto, sabendo o rumo da história. No entanto, há aqueles que deixam a escrita fluir sem um plano previamente esboçado. Você segue um roteiro ou se entrega a um fluxo de ideias que se manifestam diante da folha em branco? Como é o seu processo de escrita?

Criar uma história se aproxima da imprevisibilidade da vida. A vida acontece, não avisa. Não tenho planos ou roteiro quando escrevo um romance. Mas uma certa ideia do que quero escrever. O livro avança de acordo com as conexões que vão sendo criadas. Após a primeira versão me debruço de maneira minimalista, procuro reescrever cada palavra, cada frase até chegar a uma nova versão. Reescrever é mais importante que escrever.

O mergulho na escrita, a reescrita e a revisão editorial...Como é a sua participação no processo de revisão e edição?

É bastante intenso. O processo de edição pode definir o sucesso de um livro. Por isso é um momento em que dedico bastante tempo. No entanto, não me sinto apegado ao

texto, tive sorte de ter bons editores que entenderam meu projeto literário e fizeram de tudo para torná-lo melhor.

Nos seus romances, a figura do professor é marcante. “Pensando na inquietante questão de como separar o autor de sua obra, qual o papel da personagem do professor nas suas narrativas”?

Não me preocupo em me separar de meus personagens, eu sou um pouco deles e eles são um pouco de mim. A questão central é compreender que a vida não é a literatura. A literatura não é a realidade, porque ela inventa o real. Funda existências. Neste sentido, a figura do professor em meus livros de fato tem bastante relevância porque de certo modo me orientam quanto a minha própria prática docente. Ou seja, os personagens professores existem em meus livros porque sou atravessado pela docência, pelo ato de ensinar e aprender com meus alunos todos os dias.

Geralmente o autor opta pela narração em primeira ou terceira pessoa. A segunda pessoa acaba não sendo muito empregada, fato que tem gerado comentários acerca de *O avesso da pele*. Qual a intenção desse uso?

Queria uma narrativa intimista, mas que não caísse apenas numa narrativa em 1º pessoa. Além disso, eu queria experimentar focos narrativos com o mesmo narrador, a saída foi me arriscar no uso da 2º pessoa como forma de convocar o leitor a fazer parte da história de modo mais imediato, mas sem cansá-lo com o uso do pronome “você”. Assim tentei imprimir uma dinamicidade sem perder a fluidez da leitura.

João Gilberto Noll dizia que: “Literatura é levantar o tapete e mostrar o que você cancela no relacionamento social”. Você já falou a esse respeito, que “a literatura joga para o meio da sala”. O que é importante “ser jogado no meio da sala”?

Uso a expressão no “meio da sala”, por justamente localizar a literatura nesse ambiente privado. É no ambiente privado que a literatura nasce. A literatura deve e pode acessar tudo aquilo que a vida social e pretensamente comportada esconde. A literatura é, em certa medida, o próprio recalque dos desejos. Em *O Avesso da Pele*, Pedro, o narrador, tem acesso a vida íntima dos pais, como essa intimidade revelasse o quão complexos nós somos e o quanto ela nos humaniza.

Em seus romances, temos uma aula sobre negritude. No último, *O avesso da pele*, o personagem Henrique, quando novo, aprende com um professor o que é ser negro e como foi construída a ideia de raça. Seus livros nos ensinam muito. Você tem essa percepção?

Acho a formulação dessa pergunta muito interessante ao colocar “aprender a ser negro”. Creio que tornar-se negro é um aprendizado dolorido e contínuo. É de fato ter de conhecer os processos e tudo aquilo que envolve a racialização dos corpos negros. Meus livros carregam esta discussão porque são temas que são muito sensíveis a mim. Não tenho a dimensão do quanto meus livros ensinam ou não sobre a questão racial. Até porque não acho que a literatura tenha esse papel de educar, mas talvez o de sensibilizar o leitor para um mundo tão desigual.

***O avesso da pele* foi vendido para o cinema. Portugal e Itália estão no roteiro. Na sequência, na última semana de setembro, você foi eleito o Patrono da 66ª Feira**

do Livro de Porto Alegre. Como foi receber essas notícias? E o que representa para você essa visibilidade?

É um misto de euforia e serenidade. Euforia porque a visibilidade faz com que meus livros comecem a ser lido por mais pessoas. E isso é o sonho de todo o escritor. E serenidade por entender que minha persona não pode ser mais importante daquilo que escrevo. No entanto, sei que ser um escritor negro, publicado por uma grande editora, assim como me tornar o primeiro patrono negro de uma Feira do Livro tradicional, tem um valor simbólico imenso, levando em consideração todo racismo estrutural em que vivemos, mas não posso deixar que isso se sobreponha ao que tenho que continuar a fazer: escrever.

Nancy Huston em seu ensaio “A espécie fabuladora” diz em outras palavras que tudo é ficção. Que ficção você quer fazer no futuro? Já tem algum projeto de romance em andamento?

O grande aprendizado dessa pandemia é que temos de saber olhar mais para o presente. O futuro ficou mais difícil de planejar. Mas certamente não escreverei sobre esse tempo da pandemia, não no próximo livro. Preciso de um tempo para compreender os efeitos de tudo isso. Meu próximo projeto de romance tem o título provisório de “De onde eles vêm”, e gira em torno da entrada de alunos negros na universidade no início dos anos 2000 e todos os conflitos e mudanças existenciais, culturais e acadêmicas envolvidas nesse processo.